

# AMAZÔNIA DE A A Z

» O artista paraense Luiz Braga é um dos dois representantes do Brasil na atual edição da Bienal de Veneza

» **IMENSIDÃO**  
Da série "Anos Luz", de 1992, a imagem mostra uma mulher e uma criança, ao entardecer, junto a um rio amazônico; a obra, uma das mais conhecidas de Braga, foi exposta no Masp, nos anos 90



## Colorido e 'caboquice' inspiram artista

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A Amazônia é, sim, verde. Mas a Amazônia retratada pelo paraense Luiz Braga também é vermelha, amarela e de todas as cores possíveis.

Um dos dois artistas brasileiros selecionados para representar o Brasil na Bienal de Veneza, um importante evento do circuito artístico internacional, Braga busca com suas lentes fotográficas captar a "caboquice", como define a cultura da região. À **Folha**, ele fala de cheiros, sons e aromas da região, que inspiram seu trabalho. (MAURÍCIO MORAES)

**FOLHA** - Você se refere a um termo, a 'caboquice', para falar de sua obra. Do que se trata?

**LUÍZ BRAGA** - Aqui em Belém, infelizmente, é um termo usado com o sentido de brega e que eu utilizo de outra forma: para definir aquilo que nos diferencia do resto do mundo. "Caboquice", para mim, é a maneira de pintar os barcos, as casas, o jeito de deixar a camiseta em volta do pescoço para driblar o calor. É o tucupí, o açaí com piraurucu, o cheiro da piprioca e por aí vai. Num mundo em que tanta coisa é igual, essa é a nossa graça, e deveria ser mais valorizada.

**FOLHA** - Quando você tomou a decisão de fotografar a Amazônia?

**BRAGA** - Minha decisão foi natural, da mesma forma que um russo fotografa seu lugar. Em nenhum momento tive a intenção de produzir documentos exóticos, e sim manifestações de afeto. Aí fui construindo um território feito de imagens que antes de tudo revelam o meu encanto pela fotografia, que descobri aos 11 anos de idade.

**FOLHA** - A palavra Amazônia, aos que não vivem na região, remete a um cenário de selva sem fim. Ao que a Amazônia lhe remete?

**BRAGA** - Vastidão dos sentidos. Uma vastidão proporcional aos equívocos e estereótipos gerados em seu nome.

**FOLHA** - Há uma predominância de turistas estrangeiros entre os que visitam a região. Você acha que o brasileiro ainda tem uma ideia equivocada da floresta?

**BRAGA** - Conhecer para amar, em suma: educação é a chave. Os que se permitiram conhecer e vieram mergulhar a alma na Amazônia não se arrependem. Puderam perceber que aqui existe uma cultura rica, uma natureza generosa, além de um povo hospitaleiro.

**FOLHA** - Seus trabalhos retratam a região. Como foi a recepção na Bienal de Veneza?

**BRAGA** - Excelente. Nos dias em que estive lá pude perceber o fascínio das pessoas pela simplicidade das cores e da luz das minhas imagens. As pessoas ficavam diante da foto do barco em Santarém (uma viagem que eu sugiro) admiradas com a vida que pulsa no quadro.

**FOLHA** - Suas imagens exploram o impacto visual da região. A Amazônia também aguça em você outros sentidos?

**BRAGA** - Eu expresso em minhas fotos um "blend" de afeto e sensações adquiridas: os sons do "pó-pó-pó" do motor dos barcos, o gosto do tucupí, o cheiro do cupuaçu e do vento de chuva, a sensação gélida da água dos igarapés. É o que chamo de território do olhar.



» **PÓ-PÓ-PÓ**  
Da série "Estridência do Olhar", a imagem mostra um típico navio amazônico; a obra está exposta no Pavilhão do Brasil na Bienal de Veneza



» **BOTEQUIM**  
Da série "Desenhos do Olhar", de 2000, a imagem mostra o interior de um botequim; a obra esteve na International Biennial of Photography

Fotos Luiz Braga/Divulgação